

**METENDO O NEGRO NA HISTÓRIA: A PARTICIPAÇÃO DO
(AFRICANO), NA FORMAÇÃO DO 'BRASILEIRO',
NA VISÃO DE SÍLVIO ROMERO¹**

*HAVING BLACK IN HISTORY: THE PARTICIPATION OF
(AFRICAN), IN THE FORMATION OF 'BRAZILIAN',
IN THE VISION OF SÍLVIO ROMERO*

Cícero João da Costa Filho

Programa de História Social da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
cicerojoaofilho@gmail.com

RESUMO

Nos *Projetos de Brasis* a temática racial foi sempre parte integrante de um discurso nacional, que surgia em tempos de crise econômica e política. Intérprete importante da Geração 1870, Sílvio Romero de forma inédita buscou analisar a participação do africano na formação do caráter brasileiro. Sem a formação de campos hoje rigidamente delimitados, o bacharel investiu numa análise minuciosa em busca do lugar, e assim, da participação do africano na História do Brasil. Crente nas teorias do determinismo, do evolucionismo e do positivismo, Sílvio coligiu o amplo quadro cultural, em busca da contribuição de cada uma das raças. Era de suma importância investigar as raízes nacionais, para apontar as causas do atraso do país e anotar os remédios para sua superação. A temática racial foi o grande argumento por parte da elite brasileira na justificativa do atraso do país.

Palavras-chaves: Brasil, Sílvio Romero, Raça, Evolucionismo.

ABSTRACT

In the *Brasis Projects* the racial theme was always an integral part of a national discourse that emerged in times of economic and political crisis. An important interpreter of the Generation 1870, Sílvio Romero unpublished sought to analyze the participation of the African in the formation of the Brazilian character. Without the formation of today's rigidly delimited fields, the bachelors invested in a meticulous analysis in search of the place, and thus, the participation of the African in the History of Brazil. Believer in the theories of determinism, evolutionism and positivism, Sílvio collected the broad cultural picture in search of the contribution of each of the races. It was of the utmost importance to investigate the national roots, to point out the causes of the country's delay and to write down the remedies for its overcoming. The racial theme was the great argument on the part of the Brazilian elite in the justification of the delay of the country.

Keywords: Brazil, Sílvio Romero, Race, Evolutionism.

Artigo recebido em 31 de maio de 2018 e aprovado em 13 de agosto de 2018.

¹ Este artigo é uma reflexão abreviada de minha tese de doutorado do sexto capítulo *Imagem do negro (ou africano) no Brasil*, intitulada *No limiar das raças: Sílvio Romero (1870-1914)*, defendida em 2013, sob orientação do Prof. Marcos Silva.

1. Ideias na conjuntura social e política na transição do Império/República brasileiro

Ler as obras de Sílvio Romero exige uma atenção redobrada, por uma série de questões. A primeira delas se deve a figura polêmica do escritor sergipano, que surgiu no cenário literário da época tipo uma cascavel vindo das paragens nortistas. O profícuo escritor que foi, foi também o turbilhão de ideias, o agitador, o escritor truculento, o polígrafo que fazia justiça com a própria pena. Sílvio Romero desperta ódio como também interesse, como lembra Antonio Candido.

Sílvio foi um polemista por excelência, em entrevista a João do Rio traçou a influência sofrida dos maus tratos por parte de seus próprios irmãos na sua escolha da crítica literária. Tipo uma cascavel oriunda das paragens nordestinas, Sílvio confundia e assim agredia pessoalmente seus adversários, tudo isso fazia parte do que acontecia na arena literária do momento, como nos lembra Machado Neto (1993) e Roberto Ventura (1991). As polêmicas literárias ganhavam um tom de 'guerrear literariamente', chegava a atingir as raias da honra pessoal do escritor envolvido nela. (RABELLO, 1944)

Sílvio Romero como bem lembra Antônio Candido foi um homem de seu tempo, um escritor truculento, um homem em que a soberba rosnava pela inveja (1978). Afora o polemista que foi, suas ideias feito um turbilhão, suas contradições ao longo de seus quarenta anos de atividade intelectual, cabe-nos a difícil tarefa de reconhecer temas abordados por Sílvio que integrava o discurso 'científico' da elite intelectual da época, legitimado por falas de homens como Darwin, Haeckel, Schaff, Comte, Taine, e tantos outros, na reconfiguração de um novo Brasil. Nesse caso, Sílvio representa um grupo seletivo de intelectuais que assimilou determinadas teorias 'científicas' para superar o 'atraso' do país.

Outra questão que não pode ser esquecida é a não separação de campos hoje rigidamente separados, que a época de Sílvio abrigava o conhecimento histórico, formado por sua concepção literária, que englobava 'toda manifestação da inteligência humana'. Se Romero cometeu os maiores erros em Literatura, (sua *História da Literatura do Brasil* é um quadro naturalista a partir dos parâmetros científicos raciais e mesológicos, somado ao estágio evolutivo do momento), é

injusto estudar seu pensamento a luz de campos rigidamente demarcados, como acontece nos dias de hoje. É simplismo e redução da análise histórica ver em Romero um escritor racista, esquecendo sua contribuição e questões que ainda hoje nos deparamos, como por exemplo, a situação do negro, os desmandos políticos de nossos governantes e a falta de interesse do brasileiro pelas questões políticas.

Vale lembrar o complexo processo de análise das interpretações sociais formadas a partir do substrato científico, que a época era considerada como a última verdade, a partir de 1870. Não podemos pura e simplesmente considerar o pensamento de Sílvio como determinista, apontando a influência do meio e da lei do mais forte, isso seria esquecer a contribuição ímpar de sua concepção histórica, que foi mostrar a importância do negro na história do Brasil. Ficamos, pois numa posição difícil, que é reconhecer as incoerências e críticas infundadas do polígrafo, ao mesmo tempo em que devemos reconhecer que foi a partir dos parâmetros científicos (Evolucionismo, determinismo e Positivismo), que o escritor adentrou a investigação da formação do povo brasileiro.

Sílvio foi o pioneiro na 'modernização brasileira' (BECHELLI, 2009), abriu um campo enorme dando subsídio teórico para o alvorecer de figuras como Gilberto Freire, Câmara Cascudo, Darcy Ribeiro, Jorge Amado, Mário de Andrade, Plínio Salgado, Gustavo Barroso, dentre outros. Tome por exemplo a difícil compilação de seus estudos folclóricos, uma infinidade de lendas, canções e poesias, baseadas no 'critério etnográfico', que segundo o próprio Sílvio, fora o primeiro escritor a introduzir este método na interpretação do Brasil. Fosse com relação à Educação, ao estágio da crítica não apenas literária no país (a visão de Sílvio não estar ligada a especificidade da crítica literária), a Política, o quadro era de completo 'atraso' no país, e toda essa situação passava pelo campo racial. Sílvio está preso à ideologia de 'caráter nacional', instrumento da política colonizadora para formar os estados nacionais, que influenciou toda a visão das Américas. Este foi o argumento maior dos ensaístas brasileiros, teoricamente vigente até 1930, quando as análises sociais brasileiras em tese fogem aos parâmetros deterministas do meio e da raça, e

adentram ao campo da cultura, embora até hoje presenciemos os desdobramentos dessas tradicionais leituras empreendidas pela geração de Sílvio Romero.

2. 'Um homem de espírito geométrico'²

Nelson Werneck Sodré (1965) afirma que Sílvio Romero participou de todos os debates acerca da 'modernização do Brasil'. Apaixonado pelo país teve uma posição para todos os nossos problemas, deu 'a mão a palmatória', desenvolveu sua 'crítica literária' realizando uma verdadeira 'crítica sociológica', jamais conseguiu ficar restrito a crítica em si, não ficou na pura abstração machadiana que concebia a 'arte pela arte'. Para ele literatura era tudo aquilo que surge da inteligência do homem, que era produto das transformações sociais, a literatura era, pois 'reflexo da sociedade'. Segundo Sílvio Rabelo, foi Sílvio um homem de 'espírito geométrico', bem condizente com o espírito da época onde a sociedade e as nascentes áreas do conhecimento eram concebidas a partir do poder das Ciências Naturais, vistas como um organismo social vivo. (RABELO, 1944)

Buscando sempre encontrar as leis que presidiam o desenvolvimento da cultura, fosse tomando como objeto a Arte, a Literatura, a Sociologia, sua disposição mental estava impregnada pelo mesmo procedimento aplicado às Ciências Naturais. Buscava encontrar respostas precisas praticando Crítica sociológica e histórica com a inovação do 'método histórico comparativo', menos Crítica literária na acepção rigorosa do termo (Candido, 1945). Amparado sob a 'Crítica Moderna', recurso para fundamentar suas análises, afirmava que nem seus próprios mestres Lessing, Winckleman, Saint-Beuve, Taine, Scherer, Hennequin, Gottschall, De Sanctis e George Brandes, haviam delimitado o terreno nem definido a natureza da mesma.

Sílvio lutou como nenhum outro escritor brasileiro de sua época para ler o Brasil conforme os padrões do que era considerada a última verdade em Ciência da época, daí seu enorme esforço em averiguar a importância das 'raças', atuando como um naturalista aprisionado pelas leis rígidas, exigidas pelo complexo campo do conhecimento científico. Eram as ideias de seu tempo, certas ou erradas, foram com tais ideias que dissera certa vez que 'a metafísica estava morta', elaborada pela

² Expressão utilizada por Sílvio Rabelo na obra utilizada para este artigo.

filosofia eclética. Muito criticou as visões de Brasil assentada sob um olhar tupiniquim que só aumentava o tamanho das matas e dos rios, mas não atinava para os reais problemas do país. Quantas vezes não denunciou a visão de nossa elite ilustrada mais preocupada com a urbanização da orla carioca, somada a verborragia disseminada em congressos, quando a realidade do país era a de 12 milhões de pessoas vivendo uma realidade de miséria de norte a sul do país. (ROMERO, 1908)

3. O negro na formação do Brasil

Ao mesmo tempo em que Sílvio considerava o elemento negro inferior com relação ao homem europeu, tendo por base os preceitos darwinianos, a participação deste cada vez mais despertava sua atenção. Era de fundamental importância analisar “um dos elementos essenciais e predominantes na formação brasileira”. (ROMERO, 1960, 210) Por ser o negro, depois do português, o elemento que mais participou no caráter e da formação da ‘psicologia nacional’ brasileira, segundo Romero, era imprescindível analisar o que coube a um sujeito que tanto influenciou nossa cultura brasileira, tanto no plano biológico como no plano moral e das ideias.

Dentre as inúmeras querelas em defesa desta ou daquela temática concernente aos rumos do Brasil, o principal objetivo de Sílvio era pontuar o que coube a cada uma das raças na formação do país. Acompanhado da preocupação em descrever a realidade do país, denominada por Romero de ‘Brasil social’ ou de ‘Brasil sem ilusões’, a tarefa do bacharel era pontuar detidamente o que coube a cada raça na formação nacional. Sabemos que pensar ou ler o Brasil, esboçar um ‘projeto de nação’ passa irremediavelmente pela busca das origens, no caso, das raças formadoras.

Fosse pelos meios ‘literários’ ou políticos, surgia em Sílvio o interesse em apontar a grande contribuição do negro, esquecido pelos escritores nacionais e estrangeiros. O combate de Romero aos escritores do Romantismo se deu em razão do esquecimento dos negros por parte daqueles escritores, que ‘deificaram’ o caboclo, fazendo o escritor afirmar “ter descoberto o motivo histórico e moral deste silêncio voluntário”. (ROMERO, 1977, 60) Dizia ele que o desinteresse pelo africano se

dava por conta de uma possível postura de classe. Conhecedor do quadro social e material do Brasil, Sílvio jamais duvidou da inferioridade do negro,

“A raça negra nas suas pátrias de origem, na África e na Oceania, não se civilizou, não passou da selvageria, não caminhou, não progrediu. Nas terras, para onde se deixou transportar, como a América, ao contato com os seus ex-senhores, pouco tem avançado em massa, não passando de uma semibárbara característica. Não é só. Os restos da gente vermelha da América andam talvez em piores condições; como que apostaram em desmentir a lei do famoso progresso indefinido e as sonhadas maravilhas da razão inenarrável. Não é tudo.... Eram quase todos do grupo banto. São gentes ainda no período do fetichismo, brutais, submissas e robustas, as mais próprias para os árduos trabalhos de nossa lavoura rudimentar. (ROMERO, 1960, 119)

Mas, o maior objetivo de Sílvio era relevar a extrema importância do negro diante da ausência de documentos, “A pobre raça escravizada não teve nunca o direito de entrar na História; seu trabalho intelectual foi anônimo, bem como o seu trabalho físico. Ainda mesmo em fatos altamente épicos, em fenômenos extraordinários, como o Estado dos Palmares, a História é anônima. Como se chamava o herói negro, o último Zumbi, que sucumbiu à frente dos seus nos Palmares? Ninguém sabe” (Ibidem, 128). E mais: “é uma vergonha para a Ciência do Brasil que nada tenhamos consagrado de nossos trabalhos ao estudo das línguas e das religiões africanas” (ROMERO, 1977, 34). Dialogando com Celso de Magalhães, Couto de Magalhães, José de Alencar, Araripe Junior, José Antônio de Freitas, Carlos de Koseritz, Sílvio iria buscar a influência do africano na formação do povo brasileiro.

Cabem aqui algumas ressalvas. Foi por meio das tradições populares ou folclóricas, representação direta da ‘inerrância popular’, concepção de Jacob Grimm, que Sílvio acreditava repousar a ‘alma nacional’. Não se pode esquecer o apelo e a importância de Romero no que tange ao estudo das ‘criações anônimas’. Vale lembrar que por mais louvável que seja seu interesse pelas tradições populares seu ponto de vista é estritamente folclórico e etnocêntrico, ou seja, Sílvio é um escritor que analisa a cultura pensando na luta das ideias, como sempre afirmou. Para o bacharel o que ocorria no campo biológico ocorria também no campo das ideias. Aqui, reside o ponto principal nos estudos folclóricos de Sílvio que é sua avaliação da contribuição das raças a partir das ‘leis transformadoras’, sempre acompanhadas da lei do mais forte. Não é sem razão que bradava sobre a inexistência de estudos

folclóricos por parte dos escritores nacionais, “Um olhar lançado sobre nossa História, não sobre a História escrita por A ou B, por Varnhagen ou Pereira da Silva, velhos declamadores retóricos, mas a História não escrita, a tradição flutuante e indecisa de nossas origens e ulterior desenvolvimento, num olhar ali lançado irá descobrir com alguma dificuldade os primeiros lineamentos de nossas lendas e canções populares”. (Ibidem, 38)

Em *Estudos sobre a poesia popular Brasileira*, Sílvio não somente mostrou a ausência de estudos sobre a ‘devida’ contribuição de cada uma das raças como também pontuou de que forma os polígrafos brasileiros concebiam a ‘poesia popular’ do país. O objetivo do crítico é claro: apontar no ‘corpo das tradições brasileiras’ o que devemos a cada uma das raças, mesmo diante da inexistência de documentos para tal estudo, como sempre chegava a afirmar. Com a ausência de documentos para escrever a História literária do país, as dificuldades só aumentavam quando se tratava de delinear as lendas e canções populares brasileiras. Sentindo-se com a missão de tratar de maneira justa a condição e a relevância do negro, Sílvio buscou investigar sua contribuição depositada nos estudos populares.

A busca pela ‘poesia popular’ e o sentido de sua concepção folclórica não se separam da importância racial enquanto parte de um processo maior que é a reflexão sobre o ‘caráter nacional’ brasileiro, ideologia presente na época utilizada para subtrair países de suas condições de atraso, a partir das leis evolucionistas (LEITE, 1976). Somente a partir da ideia de ‘caráter nacional’, conjunto de ‘qualidades’ ou ‘defeitos’ inerente a cada raça é que reside o sentido e a relevância simultânea da investigação folclórica na busca pelo conhecimento do ‘verdadeiro’ Brasil. Desse modo, o interesse de Sílvio em relação ao que coube a cada uma das raças é parte integrante da busca de seu ‘Brasil sem ilusões’, que não era grande como queriam os políticos e literatos, razão para as intensas polêmicas na descrição das questões clássicas debatidas pela elite intelectual do país de sua época.

A ânsia do escritor em querer mapear as lendas e as canções populares reveste-se de uma moldura folclórica tributária do Romantismo alemão, formada pela concepção de uma ‘alma nacional’ residente nas criações do ‘povo’. Por meio de um enorme esforço, Sílvio coligiu grande gama de quadrinhas, sobretudo, lendas e

canções populares, mapeando a contribuição das raças, pois para ele, “A poesia popular revela o caráter dos povos... Ao lado, pois, de peças antigas, ainda hoje cantadas em nossas festas de Natal e Reis, como a *Nau Catarineta* de origem portuguesa e que dá uma ideia de um povo navegador, ouvem-se entre nós os verdadeiros cantos que nos definem e individualizam”. (Ibidem, 31-32).

Em busca da justa contribuição do africano presente nas manifestações populares, algumas vezes não se entende a maneira de Sílvio conceber essa poesia, uma vez que a priori só relevaria a contribuição cultural das raças puras num país onde ele mesmo afirmava que as diversidades de tipos superam as “variedades de gatos que habitam nossos telhados, para repetir a frase de Quatrefages”. (Ibidem, 40)

Em alguns momentos, a tese de Sílvio mostra-se confusa porque se por um lado apontava a singularidade do Brasil, que residia no mestiço, somado a sua concepção de meio, que se não fundava uma raça singularizava a identidade do país possibilitando o surgimento de uma raça diferente, iniciava suas análises a partir de ‘raças puras’ representadas pelo *português nato*, pelo *negro da costa* e pelo *índio selvagem*, os dois primeiros grupos tinham origens estrangeiras. Dada à inexistência do africano puro, a influência desta raça seria constatada no mestiço, o ‘genuíno nacional’, que conforme Romero significava a singularidade brasileira. Não bastasse a dificuldade em averiguar a contribuição do africano, o olhar de Sílvio era amparado pela visão folclórica formada pela lei do mais forte, pelo evolucionismo fincado na Crítica Religiosa, esteio dos estudos da religião e mitologia, onde sofreu forte influência. Daí, a razão de sua aversão a Metafísica e a incessante busca de cientificidade aplicada a sua visão folclórica.

Não deixava de ser conflituoso estudar as tradições populares seguindo os estágios evolutivos de Comte, as teorias raciais que influenciaram fortemente Sílvio, e acima de tudo, sua compreensão do que era popular. De acordo com Claudia Neiva Matos

“os pensadores do *Sturm und Drang* assumiram o espírito religioso como componente de uma visão de mundo que desejavam ampla e elevada, e no interior da qual procuravam conectar-se com o universo cultural popular. No Brasil, um século mais tarde, eruditos como Sílvio Romero são compelidos pela própria pretensão de cientificidade a rejeitarem de sua visão de mundo todo misticismo e mesmo toda Metafísica. E, quando consideram historicamente a função religiosa nos quadros classificatórios evolucionistas

e positivistas, situam na cultura popular as formas consideradas inferiores e indefinidas de religião. Isto também contribui para que o povo e sua poesia sejam vistos sob o signo do "atraso", só podendo ser culturalmente resgatados enquanto objetos do discurso científico que os preserva, ao mesmo passo que expulsa de si mesmo toda e qualquer veleidade religiosa e/ou poética (MATOS, 1994, 70).

Como nenhum outro escritor de seu tempo, sabia Sílvio do caldeamento étnico presente no país espalhado pelas mais pobres e mais distantes vilas e cidades,

"Aí inscreve-se, no meio da lista, a população brasileira de hoje, que é o objeto de análise. À primeira vista parece que o povo do Brasil é dos mais adequados agora para o estudo da poesia e das crenças populares, por conter nada menos de três distintos ramos de procedências. O caboclo, o negro e o branco... que belo ensejo oferecem para apreciar-se o cruzamento das idéias a par do cruzamento das raças! O engano desaparece, considerando-se de perto o estado da população atual e a primitiva situação dos povos que para ela concorreram (ROMERO, 1977, 33)

A tarefa de Romero era extremamente difícil, haja vista a ampla variedade de 'tipos' mestiços, como pardos, mulatos, cabras, mamelucos, caburés. Ao mesmo tempo em que Sílvio reconhece a importância do africano na cultura brasileira, seu interesse é ambíguo: é no mestiço que acredita está a contribuição do homem que não é branco porque, conforme afirmava, não existia raça em estágio de pureza e sim tipos mestiços, formados parcialmente pelo elemento africano. O crítico se estendia e se alongava, mas não avançava. Sua teoria acabava voltando ao velho determinismo racial das raças fortes e mais numerosas superando moral e biologicamente as raças fracas. O que sobra em suas análises e vai além desse retorno teórico é a ideia de mestiçagem consolidando a visão de um 'caráter brasileiro' formado pelos mais variados tipos de mestiços.

Sílvio abre uma discussão de suma importância do ponto de vista cultural, o que não podemos esquecer, mas não se desvencilha plenamente de uma das maiores ideologias do momento que é a associação entre raça e caráter. Trabalha a contribuição do africano sempre tendo por base a rigidez de seu 'caráter', elemento portador de um conjunto de valores morais aptos ou não à inserção numa sociedade civilizada. Na verdade, podemos perceber que o sentido da longa discussão em torno da concepção de raça só faz sentido quando, de uma forma ou de outra, traz a hierarquia não apenas racial, mas social, que justifica o posicionamento social do homem na sociedade em que se insere. No caso do negro, mesmo sendo Sílvio um

apóstolo de sua inferioridade e um escritor que por vezes se posicionava abertamente nos limites deterministas, suscitou toda uma discussão sobre a importância do elemento africano, influenciando posteriormente vários escritores. Seu determinismo avança na medida em que é somente compreendendo a superioridade do branco sobre os vários tipos de mestiços que o ensaísta se motiva a encontrar os 'tipos esquecidos' por nossa Literatura, buscando assim descobrir a potencialidade destes tipos esquecidos antes do embraquecimento da sociedade brasileira, resultado da vitória do mais forte.

Se por um lado está Sílvio ciente da dissolução biológica e cultural do negro colonizado em função do contato com o homem de raça e cultura que o escritor considerava superior, seu interesse em descobrir o potencial do negro, embutido no mestiço, foi de uma relevância sem precedentes. E não raras vezes pode falar Sílvio sobre a conquista de posições confortáveis por parte de alguns mestiços. Não aceitava que a elite nacional mascarasse suas raízes africanas, pois afirmava que o mestiço representava 2/3 da população brasileira. Em vários segmentos da sociedade brasileira, aparecia a importância do negro, fosse na ordem econômica, na história política, civil, literária, artística. Mas toda essa enorme influência só podia ser notada sob a figura do mestiço,

"Na História política, civil, literária, artística, sua colaboração foi de todos os tempos, por intermédio principalmente de seus parentes mestiços, com seus jornalistas, seus oradores, seus juristas, seus poetas, seus artistas, bastando só citar um Cruz e Souza, um Luís Gama, um Natividade Saldanha, um Justiniano da Rocha, um Ferreira de Menezes, um Guedes Cabral, um Silva Alvarenga, um Visconde de Jequitinhonha, um José Maurício, um Caldas Barbosa, um Henrique de Mesquita, um Gonçalves Dias, um Lívio de Castro, um Eunápio Deiró, um André Rebouças e tantos outros. Claro é que nesta incompleta lista de mortos ilustres estão incluídos mestiços de todas as graduações, desde os mais escuros até os que se podiam perfeitamente confundir com os melânicos do Sul da Europa. (ROMERO, 1960, 302-303)

Na verdade, o grande nó causado por Sílvio reside não por ter sido o primeiro escritor que introduziu o método etnográfico na interpretação do Brasil, como sempre fazia questão de salientar, mas sim a maneira como concebia a questão da mestiçagem no Brasil. Entre concordar com as teorias científicas darwinistas e evolutivas, que consideravam o colono indígena e o escravo negro

'raças inferiores', e simplificar toda a contribuição cultural desses povos a essas mesmas teorias científicas, há uma lacuna enorme.

A figura de Sílvio, por si mesma, é ambígua, trata-se de um homem ilustrado que concebe a 'cultura popular' a partir do ideário romântico fundamentado pela concorrência ou luta entre as ideias. Paralelo ao conhecimento e à importância dada pelo escritor às tradições populares, sua visão sofria da ação das leis evolutivas. Era o mundo de Sílvio, era a visão de um homem ilustrado interessado pela 'cultura popular', por isso, sua visão é tributário da noção de *Wolk* que serviu para a formação do estado nacional alemão. Para além das possíveis e inúmeras críticas que possamos dirigir a Sílvio, sobretudo, sobre sua visão folclórica que vê a cultura popular como morta, como bem lembra Michel de Certeau (1995), abrindo uma complexa e séria discussão, não devemos desconsiderar o esforço do escritor em coligir o farto material na elaboração de seus *Estudos e Cantos sobre a Poesia Popular* com o objetivo de analisar a contribuição do negro na formação nacional brasileira. (WILLIAMS, 1995)

Se não pairavam dúvidas sobre a inferioridade do negro com relação ao europeu e sobre a circunstância de que, com a escravidão, não se poderia dá aos negros a forma de trabalho condizente a sua capacidade, extraindo de forma racional sua força de trabalho, não podemos esquecer todo o interesse de Sílvio pela participação do africano na cultura brasileira. O diferencial de Sílvio é que mesmo exaltando a superioridade do branco no plano biológico e cultural, quer o escritor se aproximar da cultura herdada dos negros porque reconhece a importância desta na formação do 'caráter brasileiro'. Para o autor de *A Filosofia no Brasil* averiguar a herança do negro vai além de reconhecer a importância deste na economia açucareira, base do Império, significa conhecer o verdadeiro Brasil, representado pela literatura da nação.

Mesmo que seu pensamento seja fundamentado na aplicação das ideias darwinianas ao campo da cultura em seu sentido amplo, tangenciada pelos estágios de Comte, onde se analisa toda uma tradição folclórica em estágio de 'nascença', influência de Herder, isso não invalida e nem tira o mérito de ter tentado Sílvio coligir os cantos e os contos, e assim, reconhecer a importância do negro na formação

nacional brasileira. Seu objetivo era primeiramente identificar o que era manifestação de cada uma das raças no conhecimento do Brasil. Pensando conforme Sílvio, era preciso conhecer a 'alma nacional', aquilo que era mais íntimo, singular ou específico de um 'povo'. Partindo em busca desta alma nacional é que Sílvio encontra espaço para todas as raças. Nessa perspectiva, Sílvio analisa o Brasil em vias de formação nacional, donde a necessidade da constituição de um 'povo'. Todo o seu intento para encontrar lendas, canções e cantos é parte integrante de encontrar a nação que se formava e - por que não dizer? - o próprio Brasil que o escritor tanto buscou conhecer. Não podemos nos antecipar pensando que, pelo fato de Sílvio ser conhecedor das diversas formas de organização social, tanto na Europa quanto em algumas sociedades africanas, estivesse legitimando o sistema espoliativo sofrido pelo negro, imerso no leque maior da situação brasileira da época.

Avaliar toda a contribuição de Sílvio por considerá-lo como mais um dentre os inúmeros escritores racistas, como nos faz recordar a leitura de Antonio Candido, é tocar somente numa parte da questão. Não estamos a combater nem tão pouco negar passagens ambíguas e contraditórias do autor de *Doutrina contra Doutrina*, mas sim ressaltar que é justamente de sua crença na importância etnográfica aplicada não apenas a Literatura como a cultura geral que torna Sílvio um personagem importante, que o fez rastrear, classificar, almejando conhecedor o verdadeiro Brasil, buscando apontar a participação de cada uma das raças, a luz do caráter 'científico'. Somente percebendo Sílvio como homem de seu tempo é que podemos entender seu *método crítico* resgate da cultura popular, sua visão de Brasil, e acima de tudo, o que fazer para superar seu atraso.

4. Mestiçagem: o grande problema do Brasil

Um ponto de extrema importância é a visão de Romero sobre a mestiçagem, que difere de outros ensaístas brasileiros. Sílvio não via o mestiço como um degenerado, mas sim como um elemento indispensável à formação brasileira. Admitia que, pelo fato da mistura não ter se realizado completamente, o país encontrava-se na situação de marasmo social, econômico e político. Ao mesmo tempo em que se torna de fundamental importância não desprezar os povos das

matas, dos sertões, das vilas e cidades, só fazia sentido estudá-los quando a cultura do mais forte superasse as raças inferiores de índios e negros. Não aceitava Sílvio o esquecimento do negro,

Nós dissemos que não temos um só homem notável em nossa História de quatro séculos, que tenha sido negro ou caboclo puro. Camarão e Henrique Dias, repetimos, ainda quando ficasse provado que o foram, o que temos por duvidoso, o gênero de atividade em que se desenvolveram é daqueles que não requerem grande discussão. Os nossos homens mais notáveis, nas Letras e na política, ou são brancos, como um José Bonifácio, um Gonçalves de Magalhães, um Marquês de Olinda, ou mais ou menos mesclados, como um Gonçalves Dias, por exemplo, tenha possuído mais talento e ilustração do que Gonçalves de Magalhães; mas quem contestará que ele foi mais brasileiro, isto é, tinha maior soma de qualidades que o separavam do genuíno espírito português e o aproximavam de um tipo, ainda não bem definido, que nós chamaremos no futuro o verdadeiro nacional.(ROMERO, 1960, 232)

Se o 'caráter brasileiro' não estava formado em função da incompleta fusão das determinadas raças, como é que Romero dava importância à mestiçagem, sabendo que dessa fusão iria prevalecer o traço da raça superior? Para o escritor o índio ficaria "quase um retrato do português" e o negro iria assimilar os agentes civilizatórios daquele. Parece-nos que ao mesmo tempo em que o bacharel tanto salientava a importância do meio e da raça, atinando para os elementos nacionais em busca da 'identidade brasileira', simplificava demais um amplo quadro de pesquisa que ele mesmo erigia, no caso, a situação racial do país.

Como aponta uma série de estudos que atinam para a assimilação das teorias científicas chegadas ao Brasil a partir de 1870 (História das Ideias), não foi fácil alocar as mesmas no cenário brasileiro a fim de prover a 'modernidade' e o 'progresso' do país. O trabalho de Lilia Schwarz (1993) notifica a chegada das ideias modernas da *Geração de 70* nas instituições de saber no Brasil, assim como Ângela Alonso (2002) aponta a instrumentalização dessas ideias na derrocada da ordem imperial, sendo utilizadas a partir das necessidades políticas das elites na derrocada da ordem imperial. Eram as ideias que precisavam se adequar ao país, essas serviram de justificativa política para os grupos republicanos.

Se num primeiro momento parecia fácil estudar a poesia e as crenças populares na identificação de cada uma das raças, concluía Sílvio que o engano desaparecia quando se observava a participação dos povos na formação dessa

poesia. Após essa passagem ambígua, a concepção de Sílvio mostrava as dificuldades para avaliar a participação do negro na formação do brasileiro,

Bem se compreende que nesta inquirição devem ficar fora do quadro o português nato, o negro da Costa e o índio selvagem, que existem atualmente no país, porque não são brasileiros e sim estrangeiros. O genuíno nacional é o descendente destas origens. Semelhante deve ficar de fora desta análise a inquirição da influência que porventura, haja tido na formação total do nosso caráter de hoje a existência de estrangeiros, como franceses, ingleses, chins..., que em épocas anteriores, ou na atualidade, se tenham domiciliado no país. Tal influência é mínima e escapa aos olhos do historiador (ROMERO, 1977, 33)

O que se percebe é que a análise sobre a participação do africano só deve ser prosseguida quando se trata de *negros puros*, mas sabemos que foi concebendo a cultura brasileira como mestiça que Sílvio se interessou pela contribuição de cada uma das raças na busca pelo conhecimento do Brasil. Como se entende deveriam ficar de fora de sua análise racial *negros da costa e índios selvagens*, considerados estrangeiros; e outros grupos mestiços, ao passo que holandeses e, acima de tudo, italianos e espanhóis colonizadores do sul do país eram de extrema importância para o futuro do Brasil? “Pode-se a respeito dela desde já predizer que no sul do Império está se formando um grande núcleo, que dentro de dois ou três séculos nos há de salvar de nossa cada vez mais crescente extenuação de forças e de ideias”. (ibidem, 34)

O esquema explicativo de Sílvio para analisar a formação do povo brasileiro, assim como o de vários escritores influenciados pelo determinismo racial e geográfico, era bastante simples: tomava por base o modelo de análise das doutrinas do Evolucionismo e do Determinismo, somados ao que pregava a *Antropossociologia*, priorizando escritores racistas que acreditavam na ‘seleção social’ dos seres mais aptos. Com todo este aparato teórico, o que estava em sua mente era o modelo das raças superiores misturadas à influência romântica fornecida pelos estudos folclóricos dos irmãos Grimm. Num polígrafo que sempre lutou para que o negro fosse reconhecido não apenas como ‘agente econômico’, mas como ‘agente social’ ao longo da História brasileira, são questionáveis passagens como esta:

Da colonização bem dirigida das províncias do sul é que depende o bom futuro deste país. Oxalá tivessem podido os neerlandeses perdurar aos

milhares, ao menos a título de colonos, por uns quatro séculos nas províncias do norte! Teriam então aquelas províncias uma força impulsiva para opor a crescente superioridade das suas irmãs meridionais. Não foi assim, e temos visto os nossos idólatras darem-se os parabéns pela total expulsão holandesa. Olhemos também para o norte. (Ibidem, 34)

Sílvio Romero era um entusiasta e convicto na superioridade do homem branco, o que nos leva a um campo por demais complexo. Racistas para uns, para outros assimilador de um corpo de leitura que era moda em seu tempo. Como tantos outros, Sílvio Romero “foi um homem de seu tempo”. O Determinismo de Romero avançava porque mesmo defendendo a superioridade do homem branco, não esqueceu a importância do negro na sociedade brasileira. Queria uma ‘colonização sistematizada’, onde a fusão de sangues acontecesse de maneira harmônica porque fusão biológica equivalia à fusão cultural, o que hoje chamamos de assimilação. Nesse sentido, o estudo e o interesse pela contribuição africana integra o pensamento europeu ‘científico’ de tradição evolucionista, base de análise de todos os intelectuais de sua época, que buscam interpretar o Brasil, identificar seus problemas e buscar meio de superação.

Sílvio sempre foi claro e objetivo sobre sua concepção racial, refletida tanto no plano biológico como cultural de que os mais fracos perecem quando em contato com as raças superiores. Se tanto lutou para avaliar a contribuição do negro porque nunca aceitou que este fosse concebido apenas como ‘agente econômico’, mas também como ‘agente social’, o escritor concebia o negro como uma raça inferior, mas não irrelevante. Não é um paradoxo investir o crítico literário no folclore atinando somente para as ‘raças puras’ quando ninguém melhor do que ele conhecia a realidade mestiça do país, sabia da existência das sub-raças existentes nas vilas, sertões, matase cidades, espalhadas por todo o país? Onde estaria a contribuição da infinita gama de mestiços existentes no Brasil vivendo em situação de extrema pobreza, como denunciou em seu estudo *O Brasil Social?*

Nessas idas e vindas, a singularidade brasileira estava resguardada e se formava sob a figura do mestiço, que Sílvio afirmava ser o ‘genuinamente nacional’. Todo o processo de assimilação, tomado da cultura europeia ‘filtrada’ pela ação do meio brasileiro, conforme o escritor (não apenas físico, mas social), aparecia

cristalizado e representado na figura do mestiço: era o Brasil, país do índio, do negro e do branco.

O que transformou as influências culturais sofridas pelo brasileiro deveu-se à natureza e ao mestiço, nosso 'agente diferencial'. À medida que as três raças se fundiam, a cultura brasileira era corporificada no mestiço, mas neste processo nem todas as raças se fundiam. É um processo em cadeia que só se inicia quando termina, ou seja, Sílvio em tese começa sua análise racial (que é também cultural, no âmbito maior do termo), a partir do mestiço, mas essa complexa e confusa análise só tem início quando surge no quadro brasileiro uma raça depurada, que é a figura do mestiço, o que causa um enorme problema de análise. Diante de tantas ideias e de uma teoria racial confusa, Sílvio chamou para si a responsabilidade de identificar o que coube a cada raça na História do país. Já tendo em *O Brasil Social* mostrado o quadro de miséria de milhões de brasileiros e diagnosticado a apatia deste em *História da Literatura Brasileira*, frente à apatia da poesia brasileira e da morte precoce de nossos escritores, delimitava agora o país em quatro seções naturais para investir na contribuição de cada uma das raças.

A análise de Sílvio é tipicamente evolucionista, fundamentada pela seleção natural, e acima de tudo, fundamentada pela 'certeza documental', como chega a afirmar. Arrolando as manifestações culturais tributárias dos habitantes das praias e das margens dos grandes rios, dos habitantes das matas, dos sertões e das cidades, é que iremos analisar como o polígrafo concebeu a contribuição de cada uma dessas raças. Romero trabalha a contribuição de cada 'raça' porque lhe atribui um 'caráter', o que singulariza e dá sentido à busca por ela. Sobre o brasileiro conclui que

é um povo sem objetivo político, sem consciência social e histórica, falho de Ciência e de elevados incentivos, e, ao mesmo tempo, sem muitos mitos e heróis", porque "aplicando-lhe a lei dos três Estados, formulada por Comte, está ele exteriormente no período teológico, na fase do monoteísmo; mais ainda com pronunciados resíduos da fase do fetichismo e do politeísmo" (ROMERO, 1977, 40)

Seu interesse pelas tradições populares vem acompanhado do processo de 'seleção cultural', onde os povos europeus são portadores de uma cultura mais significativa com relação às raças inferiores, "O que se diz das raças deve-se repetir das crenças e tradições". (Ibidem, 39)

5. Influência do negro na formação nacional brasileira

Assim como já havia refutado Couto de Magalhães, autor de *O Selvagem*, no que diz respeito à origem do índio americano e sua possível filiação turana, é chegado o momento de Sílvio analisar a influência do negro. As causas atribuídas pelo escritor ao esquecimento deste por parte dos escritores nacionais se devem a independência do Brasil, responsável pela 'deificação do índio', erigido como símbolo nacional, e ao regime escravista que, segundo ele, justificou a exclusão do mesmo. O interesse de Romero pelo africano se dá pelo fato de considerar este, depois do português, o elemento que mais contribuiu para a formação da poesia popular brasileira. Crente nas teorias da evolução processadas pela lei do mais forte à *lá Darwin*, a importância do negro se verifica, porque, diferentemente das repúblicas espanholas, onde o cruzamento maior fora de portugueses com índios, no Brasil, o português misturou-se mais com os negros na composição de nosso povo.

Tendo por base as leis da evolução e da seleção natural, a raça africana dera maior contribuição do que o caboclo porque era biologicamente mais forte, embora inferior ao europeu.

A raça africana tem tido no Brasil uma influência enorme, somente inferior à importância da portuguesa; penetrou em nossa vida íntima e por ela moldou-se em grande parte a nossa psicologia popular. É fácil compreendê-lo.

A raça africana entre nós conta-se também como raça invasora, e este fato merece atenção. (ROMERO, 1985, 22)

Embora Sílvio conceba o africano como uma raça inferior e bárbara, ideia compartilhada por boa parte dos ensaístas de seu tempo, era imprescindível pontuar a contribuição do negro na cultura brasileira. Da mesma forma que havia criticado o botânico Martius, diante de seu posicionamento acerca da contribuição das raças (a concorrência das 'forças diagonais'), em sua conhecida monografia premiada pelo IHGB, afirmando que não bastava apenas 'colocar lado a lado cada uma das raças', o argumento era o mesmo com relação a Celso de Magalhães:

Não basta dizer que o africano era atrasado ou estúpido, e que ele influiu desagradavelmente na formação de nosso povo. É mister mostrar o que lhe devemos: é preciso indicar qual a parte que lhe cabe na compreensão de nosso caráter nacional. É a maior falta do trabalho de Celso de Magalhães, defeito tanto mais lastimável, quanto nenhum dos outros escritores que trataram do assunto fornece dados para preencher-se essa falha, e o moço

crítico, se o tivesse querido, tinha competência bastante para acabar de uma vez com a eterna injustiça que pesa sobre os nossos pretos. (Ibidem, 59-60)

Se existe algo a ser questionado é qual o modelo de sociedade (concepção de civilização e modernidade) habitava a mente de Sílvio. Como boa parte de seus contemporâneos, o caminho que levava à 'civilização' ou ao 'progresso' passava pela qualidade da(s) raça(s) formadora dos 'povos', no caso brasileiro a *in-volução* devia-se a impureza racial. Sabemos que este discurso racial aparatado pelos preceitos científicos camuflava a espoliação sofrida pelo negro na economia rural brasileira, num momento em que o país sofria a turbulência política e econômica de abolir a escravidão. A nova economia do café traria uma nova classe econômica, que embora herdeira da tradicional lavoura, abraçaria, por exemplo, a corrente positivista, em defesa da república e da abolição da escravidão. Em resumo, uma nova forma de pensar o Brasil surgia, este novo Brasil seria 'moderno', embora sempre de 'mentalidade tradicionalista'.

O homem branco civilizado era considerado 'apto' para lidar com os costumes indispensáveis a nova ordem, sobretudo, a nova ordem econômica que em tese se processava independente da tradicional estrutura agrária do país. A tônica mais alardeada pela elite nacional recaía sobre a população mestiça, que poderia levar o Brasil à degeneração, um processo de 'involução', argumentação de nossas elites política e intelectual do período. Entre esse modelo de civilização europeia e a defesa de um 'trabalhador ideal', os vieses são bastante tênues, como mostram as falas dos reformadores nos jornais da época, sobretudo, em São Paulo. Acontecesse de maneira lenta, gradual ou imediata, o que não escapava aos argumentos de tais reformadores era a imagem de um negro inapto ao trabalho livre, sedimentada pela ideologia da vadiagem, realidade bem diferente do que acontecia nas lavouras de café do Oeste Paulista.

Como Tavares Bastos, Pereira Barreto, Couty, C. E. Amoroso Lima, não deixou Sílvio de se posicionar sobre a melhor forma de trabalho para o Brasil. O pensamento de Romero é análogo aos dos reformadores sociais da segunda metade do século XIX no que diz respeito à inferioridade do negro, a diferença é que o escritor salienta a importância deste na sociedade brasileira, ou seja: não basta perceber o negro

como inferior recorrendo às teorias racistas em voga no momento, é preciso pontuar a devida contribuição para a formação do Brasil 'moderno'. Não há dúvida sobre a adoção da teoria do *Darwinismo social* na forma de Romero interpretar a cultura brasileira, mas em nenhum momento o autor defende a escravidão como a melhor forma de ter se processado a colonização pelo português. Buscava Sílvio identificar o que coube a cada uma das raças para traçar seu 'projeto nacional' e obviamente, o que era melhor para o Brasil.

Germanista por conceber a cultura de maneira bem ampla, influência de seu conterrâneo Tobias Barreto, crente na superioridade ariana (dolicocefalos e de olhos azuis), não se vê nos trabalhos do bacharel nenhuma passagem de legitimação da escravidão negra pelo fato de ser o africano considerado uma 'raça' inferior. A crença na superioridade da raça europeia, apanágio para a vinda de imigrantes europeus, modelo de 'homem ideal' compartilhado pela elite empreendedora da lavoura cafeeira do Oeste Paulista, em contraposição à suposta indolência e à vadiagem do negro, insere-se num novo contexto que se abre respaldado pelas teorias científicas, possuidoras de ares de verdade. Conforme Seyferth

O reinício da colonização com base no agenciamento de europeus foi concomitante com a proibição da escravidão nas colônias – fato não ocorrido na primeira fase. Na prática, ao tomar essa iniciativa, os governos provinciais separaram ainda mais os dois regimes de trabalho quando se avizinhava a proibição do tráfico de africanos para o Brasil. A promulgação quase simultânea da Lei de Terras e da Lei Euzébio de Queirós marca ainda mais esse distanciamento – a colonização definitivamente vinculada ao trabalho livre. (SEYFERTH, 2002, 120)

Nos debates parlamentares, como bem mostra Célia Azevedo, é patente a instrumentalização das ideias científicas na construção de um 'trabalhador ideal', em contraposição à inaptidão e indolência do escravo na nova sociedade 'civilizada' e 'moderna' que se abria. Não é sem razão o uso das teorias raciais em nome do progresso do país

De fato, durante toda a década de 1870 os temas do negro livre e do imigrante ideal nortearam os debates dos deputados provinciais. Preocupados com a extinção da escravidão em futuro próximo, os representantes dos interesses paulistas travaram intensas e acaloradas discussões, visando solucionar a questão da substituição do escravo pelo trabalhador livre antes mesmo que ela se tornasse um problema para os proprietários. (AZEVEDO, 2004, 94)

No momento de transição para o novo Brasil, abolicionista e republicano, o 'conceito de raça' serviu para camuflar todo o passado de opressão e qualquer forma de manifestação cultural do negro concebido pelas teorias científicas como inferior. Embora se trate de um escritor que usava argumentos de teor racial, não percebemos em Sílvio nenhuma apologia da escravidão e essa questão fica clara quando o escritor combate à forma de colonização brasileira empreendida pelo português:

É pena, pois, que essa raça enérgica tenha sofrido o labéu da escravidão; fazemos aqui também um voto em prol de sua libertação completa e para que se reivindique o seu lugar em nossa história. Havia outros meios de utilizar o negro sem aviltá-lo. O índio, por seu lado, foi também muito cruamente tratado e é admirável que, nestas condições, não tenhamos tido aqui guerra de raças, além dos pequenos episódios dos Emboabas, Mascates e Balaios. (ROMERO, 1960, 180)

Como tantos outros escritores de seu tempo, a imagem do negro, embora inferiorizada, biologicamente, não é de rejeição. Reconhecer o grau de 'barbárie' do negro não significa afirmar que Sílvio mantinha uma posição negativa perante o elemento negro. Era a leitura e resultado do *corpus* teórico que ele tinha a sua frente. Mesmo conhecedor dos livros racistas daqueles que considerava seus mestres, Sílvio combate a escravidão, porque o colono não soube tirar proveito racionalmente do negro sem o escravizar. Se nossos políticos e escritores argumentavam que o atraso do país dava-se pela presença de milhares de negros, Sílvio opunha-se à prática da escravidão, fosse ela indígena ou negra, embora concebesse o negro como um ser biologicamente inferior.

Diferente de diversos escritores que justificavam a inferioridade do negro para forjar uma imagem negativa deles, Sílvio em nenhum momento o concebe de maneira pejorativa. O maior discurso elaborado pela elite brasileira do momento era que a presença das 'raças' inferiores era a causa do atraso do país. Contrário a tantos escritores que advogavam que a 'inferioridade' do negro, com seus instintos bárbaros, entravava a empreitada civilizatória, justificando assim a escravidão, Sílvio transforma a imagem negativa do negro na importante contribuição deste para a formação social, econômica, política e cultural do país. Se a elite intelectual e política

aludiam ao negro somente para excluí-lo da História, Sílvio introduzia um movimento diferente: apegando-se às teorias 'científicas' da época, propugnadoras da hierarquia racial, o escritor sergipano buscou analisar a contribuição do negro na cultura brasileira. O racismo de Sílvio é um racismo diferente, que merece o olhar atento aos nossos antepassados, a seu ver homens que influenciaram demasiadamente nossos costumes.

6. Um negro mais que importante!

A constante revolta de Sílvio a favor do reconhecimento da contribuição do negro é uma clara demonstração da importância desse contingente humano na formação social, cultural e política do país. O fato de o autor acreditar nas teorias racistas europeias não invalida o olhar bastante atento à raça que, segundo suas palavras, depois do português, foi a que mais contribuiu para a 'identidade nacional' brasileira. Se o escritor esteve envolvido com os mais variados temas pertinentes à nação, por vezes construindo argumentações prolixas quando se tratava de sua visão literária, isso não nos autoriza a admitir uma desatenção com relação a sua preocupação de pontuar a contribuição do africano na cultura do Brasil. Pelo contrário, a par do mundo ilustrado que tão bem conhecia, pensava Sílvio num mundo melhor para o negro, temendo que após a abolição, a raça enfrentasse piores condições do que no regime servil.

Sílvio aborda o tema da escravidão dentro de uma estrutura 'científica' (estrutural e funcionalista), que transcende a temática de que a raça europeia é superior, o que poucos escritores seus contemporâneos fizeram. O escritor busca encontrar o mundo do negro para inseri-lo na vindoura ordem numa estrutura que ofereça melhores condições para este. Segundo Sílvio, a escravidão por parte do colonizador português foi um erro que, somado a outros fatores oriundos dessa colonização, resultou em um quadro pior da situação brasileira. Por isso, o escritor aponta a importante contribuição do africano para a formação do Brasil, combatendo a escravidão e o esquecimento do negro na História do país.

O que pode parecer mais uma dentre as possíveis ambiguidades de Sílvio, o que é conhecido por parte de seus intérpretes, é apenas uma análise precavida com

relação à temática da escravidão. Entre a louvação do movimento abolicionista e o surgimento de algumas sociedades libertárias, o crítico colocava-se na dianteira do movimento em nome dos preceitos científicos:

A solução que preguei, a que dei o nome de emancipação autônoma e popular, foi a única que se pôs em prática. Nada de deixar dependendo do governo geral uma questão de caráter social e econômico, disse eu. E acrescento que o indivíduo, a família, o município, a província fossem libertando os seus escravos, os nossos irmãos de cor, ao que eram impelidos, além de motivos morais, pelo fato do escravo começar já então a ser um trambolho, uma desvantagem diante do trabalho livre.

Apesar de não terem sido estas idéias declamadas da tribuna das conferências ou da Câmara dos Deputados, constituíram a solução que praticamente foi posta em execução pelos heróis populares da abolição no Ceará, Amazonas, Rio Grande do Sul, São Paulo, Bahia, Paraná, Pernambuco, Minas e Rio de Janeiro, durante oito anos. Foi a solução posta em prática pelos homens do povo, os fautores mais valentes, os obreiros mais meritórios do abolicionismo, Nascimento, João Cordeiro, João Ramos, Antônio Bento, Carlos de Lacerda e vinte outros. (ROMERO, 1960, 41)

Não se pode simplificar a análise de Romero por ser este um adepto da inferioridade biológica do africano, diante do homem europeu, em função das premissas teóricas do racismo europeu. Entre a constatação da inferioridade do negro respaldada pela lei da seleção natural, cerne da ideologia evolutiva, e a defesa da escravidão, há uma grande distância. O ponto nevrálgico do pensamento de Sílvio com relação à escravidão não se reduz meramente à presença da raça 'inferior' no país, mas sim, por ter sido o Brasil colonizado pela raça portuguesa, acostumada à colheita e que só se desorganizou com a abolição, tornando-se uma "sociedade patriarcal instável", porque nem o negro e nem o índio foram preparados para o trabalho agrícola. Melhor seria, nessa perspectiva, se a colonização tivesse se processado sem a escravização negra.

Nas entrelinhas do pensamento de Sílvio, o que se combate é a escravidão e não a inferioridade do negro, porque tal inferioridade é senso comum entre os ensaístas da época. Seu ponto de vista dá margem a uma visão romântica, fruto de sua convicção na hierarquia racial, visão de todos os escritores de sua época, no Brasil e no mundo. O negro bem se relacionava com o senhor por ser "muito mais dócil ao trabalho colonial do que o índio, muito mais assimilável e mais prolífico" (ROMERO, 1977, 150). Com isso, Sílvio não quer legitimar a colonização, apenas deseja ressaltar que o desenvolvimento social do Brasil tornou-se mais fácil com o

contato do colono com o negro, não com o índio, em função de seu grau evolutivo. Mas, se posicionando contra a escravidão do negro, não vemos duras críticas por parte de Sílvio movida a fazendeiros e traficantes, mesmo que reconheça a espoliação do escravo. A crítica de Sílvio dirige-se mais uma vez à escravidão, mas não se sabe qual o mundo que o escritor propõe para o africano, daí emerge uma leitura talvez continuada por Gilberto Freyre.

Muito mais significativo para Sílvio era conhecer quais as bases sociais deixadas pelos portugueses para as raças negras e indígenas. Romero possui uma ideia de colonização 'condizente' a índios e negros, ou seja, se a colonização tivesse se processado de outra maneira, outra seria a História do Brasil. É que a velha família portuguesa, com seu modo de vida 'patriarcal absoluto', logo caiu num patriarcalismo desorganizado devido à "transmissão da parcela das heranças e domínios", tornando-se uma família de base instável, que se desorganizou ainda mais em razão da ausência de uma "colonização geral sistematizada", se agravando com a extinção da escravidão.

Mesmo sendo um apóstolo da inferioridade do negro diante do branco, Sílvio entendia que o sistema patriarcal não logrou êxito nem com a escravidão do índio nem com a do negro, o que não significa contradição ou ambiguidade por parte do escritor. Romero é um pensador organicista, suas diretrizes contemplam cada um dos elementos analisados, daí a precisão de análise onde cada raça deve se encaixar na estrutura que 'melhor' a resguarde. Dessa forma, o colonizador não soube extrair da melhor forma a potencialidade do negro num Brasil formado por uma 'educação comunaria' preocupada somente com a *política alimentar*, o que exclui de maneira ambígua um possível determinismo por parte dessa ou daquela raça na justificativa da condição social e política do país.

Para todas as questões, Sílvio é possuidor de um esquema de pensamento criterioso e isso dificulta uma interpretação unilateral, embora se trate de um autor convicto da existência de uma hierarquia racial. Quando analisa o processo da abolição da escravidão no Brasil, adentra sua cultura, seus hábitos, sua organização de trabalho, seus costumes, sua língua, etc. Daí, o interesse em conhecer a cultura do negro, salientando a potencialidade deste. Nessa ótica, é buscando a herança do

negro que Romero acaba por conhecer sua importância, visando adequá-lo a uma organização social condizente.

Sílvio analisa a herança do africano à luz das teorias europeias, especificamente, da *Escola de Ciência Social*, estudando-os de maneira objetiva conforme tais preceitos, para os quais a forma da organização social familiar era indispensável, “o que havemos mister é conhecer, à luz dos novos processos da Ciência social, o Estado exato das sociedades africanas que enviaram representantes ao Brasil e parte com que entraram na formação da nova nacionalidade aqui fundada. Esta é a questão; o mais é esgrimir no ar”. (ROMERO, 1960, 212)

7. Considerações Finais

A temática das raças foi ao longo do Império brasileiro uma das mais importantes discussões, por uma série de fatores. A primeira delas, de maneira totalizante, é que recaiu sobre as ‘raças’ inferiores a causa do ‘atraso do país’. Nessa ótica, o negro que já era excluído da história recebia pelos foros da ciência o veredicto de sua inferioridade biológica. Um verdadeiro arsenal de ideias fora utilizado para reprovar o passado brasileiro, em detrimento de uma ordem que em tese ofereceria melhores oportunidades para a população geral. O discurso da elite a partir da chegada das ideias científicas no Brasil pontualmente em 1870 alegava que o país era atrasado em função do ‘cadinho de raças’, tendo o embaquecimento para a instauração de um novo Brasil.

Sílvio Romero se mostrou não apenas polêmico e agressivo em seu guerrear literário (o que era parte integrante das querelas literárias do período), como também por meio de seu determinismo racial trouxe para o palco da história do Brasil a contribuição do negro. Foi pelo cânone científico que resgatou a importância do africano como agente social e cultural, e não meramente econômico. A crença de Sílvio na hierarquia das raças vinha acompanhada de sua análise criteriosa sobre a contribuição do negro na formação do brasileiro, que contemplava o plano racial e cultural. Sílvio foi um escritor determinista, mas em diversos momentos de sua obra se mostra um autor que ‘vai além das raças’, abrindo uma leitura estritamente

cultural. Mas, entre idas e vindas, a análise de Brasil voltava ao plano racial: o atraso do país devia-se a presença de raças inferiores!

Referências bibliográficas

ALONSO, Ângela. Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil - Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX. 3ª ed. São Paulo: Annablume, 2004.

BECELLI, Ricardo Sequeira. Metamorfoses na interpretação do Brasil: Tensões no paradigma racial (Silvio Romero, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e Oliveira Vianna). Tese Apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: 2009.

CANDIDO, Antônio. Introdução a método crítico de Silvio Romero. São Paulo: Tese/FFLCH, 1945.

_____. Sílvia Romero: Teoria, Crítica e História literária. Rio de Janeiro: livros técnicos e científicos; São Paulo: Edusp, 1978.

CERTEAU, Michel de. A beleza do morto. In: A cultura no plural. São Paulo: Papyrus, 1995.

LEITE, Dante Moreira. O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia. São Paulo: Pioneira, 1976.

ROMERO, Sílvia. Estudos sobre a poesia popular no Brasil. Petrópolis: vozes, 1977. (1ª Ed. 1889)

_____. Folclore brasileiro: contos populares do Brasil. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo. (1ª Ed. 1885)

_____. História da Literatura Brasileira. I, II, III. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1960. (1ª Ed. 1888)

_____. O Brasil social e outros estudos sociológicos. Brasília: Senado Federal, 2001. (1ª Ed. 1908)

MATOS, Claudia Neiva de. A poesia popular na república das letras: Silvio Romero Folclorista. Rio de Janeiro: Funarte / Ed. da UFRJ, 1994.

MENDONÇA, Carlos Sussekind de. Silvio Romero: sua formação intelectual (1851 - 1880). São Paulo: Ed. Nacional, 1938.

NETO, A.L. Machado. Estrutura social da república das letras: sociologia da vida intelectual brasileira. 1870-1930. São Paulo: Edusp / Grijalbo, 1993.

RABELLO, Sylvio. Itinerário de Sylvio Romero. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SEYFERTY, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. REVISTA USP, São Paulo, n.53, p. 117-149, março/maio 2002.

SODRÉ, Nélson Werneck. A ideologia do colonialismo – Seus reflexos no pensamento brasileiro. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

* * *

Cícero João da Costa Filho: Realizou os cursos de mestrado, doutorado e pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação da FFLCH.

Como citar este artigo (*How to cite this article*):

COSTA FILHO, Cícero João da. Metendo o negro na História: a participação do (Africano), na formação do 'Brasileiro', na visão de Sílvio Romero. In REVISTA TRANSVERSOS. *"Dossiê: Histórias e Culturas Afro-Brasileiras e Indígenas - 10 anos da Lei 11.645/08"*. Rio de Janeiro, nº. 13, MAI-AGO, 2018, pp. 145-170. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: DOI:10.12957/transversos.2018.34631.

